

Lula garante que, sem alianças, sairá da disputa

Petista anuncia que sua candidatura está sub judice até decisão do diretório nacional sobre o Rio

RICARDO OSMAN

Luiz Inácio Lula da Silva anunciou ontem que sem uma política de alianças não será o candidato do PT à Presidência. "Eu aceitei ser candidato com a perspectiva de que iríamos buscar aliados", afirmou ele. "Se o partido entender que não é assim, então não sou eu o candidato."

Lula disse que sua "candidatura está sub judice" até a reunião do diretório nacional do partido, no próximo fim de semana, quando ele espera obter uma solução para a crise causada pelo PT do Rio, que tornou inviável a aliança com o PDT do ex-governador Leonel Brizola. Ele quer uma "saída política" para o problema e não a intervenção no diretório fluminense.

Para o líder petista, esta terceira candidatura à Presidência (ele disputou em 1989 e 1994) só tem sentido se for "para ganhar a eleição", o que, a seu ver, implica a política de alianças. "O partido tem de decidir se a candidatura do Lula é para valer ou não", advertiu. "Se for para marcar posição o candidato é outro e não eu", reforçou. "Não preciso ser candidato para provar que tenho 20 milhões de votos no País, preciso dobrar a votação, ter 50% dos votos válidos para ganhar."

Conveniência – Lula não entrou no debate sobre a legalidade ou não da convenção do PT do Rio, que optou por candidatura própria no Estado, contrariando a estratégia nacional de união do PT com o PDT. "Eu não estou discutindo se a questão do Rio foi legal ou não, do ponto de vista estatutário eles cumpriram todas as normas", disse. "Eu quero discutir é a conveniência eleitoral para derrotar Fernando Henrique Cardoso."

O fundamental no debate, para ele, é "saber se haverá uma política de alianças em nível nacional ou se cada Estado vai resolver seus problemas de acordo com suas vontades". Lula fez uma dura crítica à interferência dos problemas regionais do PT na



Heitor Hui/AE

Na missa: 'O candidato do PT não pode ficar subordinado a brigas tribais'

estratégia de sua candidatura. "O candidato do PT à Presidência não pode ficar subordinado às brigas tribais de cada Estado."

O líder petista antecipou que, se a decisão final for favorável à posição do PT fluminense, com a candidatura de Vladimir Palmeira ao governo do Estado, ele passará a atuar como simples cabo eleitoral. "Posso fazer campanha para qualquer candidato do partido."

Lula declarou-se disposto a dar apoio nas campanhas estaduais e a subir no palanque dos correligionários do Rio. "Estarei lá fazendo campanha para Vladimir, mas como cidadão – como candidato eu não vou."

A solução, no seu entender, deve ser tomada na reunião do diretó-

rio. "Ninguém pode esperar muito tempo, nem um lado nem o outro", avaliou. Ele considera "difícil" a tarefa dos membros do diretório. A solução deve respeitar a cultura política do partido. "O PT não tem a cultura da intervenção, nós vamos ter de encontrar uma saída política", disse. "O dado concreto é que o Brasil é uma confederação de Estados e nós não podemos subordinar 26 Estados a 1 só."

A política de alianças defendida por Lula não se limitaria à estratégia da campanha. "A aliança não é apenas eleitoral, ela estabelecerá programas e ações de governo." Sem ela, ele já teria dito "há um ano" que não disputaria.

Lula participou de missa em homenagem ao Dia do Trabalho, ao lado da filha Lurian e da neta Maria Beatriz. À noite, teria um encontro com o líder do PT na Câmara, Marcelo Deda (SE), o senador Eduardo Suplicy, o coordenador da campanha Luiz Gushiken e o secretário-geral do partido, Arlindo Chinaglia.



CAMPANHA
PARA PALMEIRA,
APENAS 'COMO
CIDADÃO'